

Lucas M. Carvalho

Peri

S.

Gabriel Sant'Ana

POLIGRAFIA



Rubem Fonseca

HOMENAGEM AO MESTRE DO ROMANCE POLICIAL

APRESENTAÇÃO

Só a morte pode consertar a gente

No conto “O inimigo”, Rubem Fonseca escreve: “O homem é um animal solitário, um animal infeliz, só a morte pode consertar a gente”. Essa frase diz muito sobre o mundo fonsequiano, em que abundam homens solitários, jogados à própria sorte; homens infelizes, tentando encontrar sentido em um mundo caótico; homens animais, reificados, violentos, cruéis; e, sobretudo, morte, em todas as suas formas e variações. Talvez por ver a morte como essa espécie de conserto de uma solidão e infelicidade inerentes à condição humana no mundo, Rubem Fonseca não se tenha sentido jamais constrangido em escrever sobre o tema.

Muitos pensam no autor como o pai do romance policial no Brasil. Não é o caso. Quando seus primeiros trabalhos ganham forma, o país já apresentava textos do gênero há mais de um século. Mas é dele, entre alguns outros, o mérito de conseguir articular esse gênero popular a um cuidado estético digno de destacá-lo para além do nicho habitual de leitores e eternizá-lo na história da literatura brasileira.

É pensando nessa centralidade do autor no cenário literário nacional e em sua recente morte, que nós, do Poligrafia, resolvemos nos reunir para produzir quatro releituras de contos emblemáticos do autor. Tais releituras variam: umas se apropriam da forma, outros de elementos narrativos, algumas das temáticas, outras da estética. Mas todas, de alguma forma, tentam prestar uma homenagem ao legado fonsequiano.

Eu, S., abro essa edição, com “**Novo ano feliz**”, um espelho invertido do conto emblemático que serve de título para o primeiro livro do autor, “Feliz ano novo”. Se lá, Fonseca resolve retratar uma juventude violenta e cruel, reificada pela miséria, irrompendo nas até então intocáveis zonas da elite brasileira, agora releio o conto através de um medo mais contemporâneo: uma elite brasileira violenta e cruel, que reifica os miseráveis, irrompendo em uma festa comunitária em busca de uma sádica diversão.

Em seguida temos “**74 degraus**”, de Lucas M. Carvalho, que homenageia o conto homônimo de Fonseca em que o autor explora uma estrutura pós-moderna de narrativa fragmentária, através de 74 instantes narrativos, cenas mínimas, fagulhas de

pensamento, construindo através delas sua história. Lucas se apropria da técnica e dos 74 degraus para contar sua própria história de aprisionamento labiríntico, desespero e morte.

Gabriel Sant’Ana, em “**Intestino grosso**”, também homônimo ao conto original, opta pelo tema mais que pela forma. Na narrativa de Fonseca, temos um dos contos mais densos do livro *Feliz ano novo*, em que somos expostos à entrevista de um escritor cuja proposta literária, em muitos níveis, espelha a do próprio Rubem Fonseca, falando sobre violência, escatologia e sexo. Gabriel desloca o cenário das reflexões estéticas para uma exposição de arte e opta por um foco pleno na parte escatológica.

Por último, Jonatas Tosta B., assinando nesta edição como Peri, em explicação feita no próprio prefácio do conto, escolhe o emblemático “O cobrador” como alvo de sua releitura. Em “Ednei”, Peri traz o próprio conto fonssequiano como um elemento da obra, mostrando um jovem perturbado, que toma o personagem de “O cobrador” como um herói, tentando de alguma forma reproduzir as façanhas de seu ídolo.

Esperamos com essa pequena homenagem não ficar à altura desse gigante de nossa literatura, mas contribuir, ainda que de forma mínima, para a divulgação e a reflexão sobre sua obra. Rubem Fonseca partiu após uma longa – e bastante polêmica – vida. Esperamos que, os percalços desse mundo sejam, como ele diz, consertados pela morte.

S.



Sumário

Novo ano feliz	5
<i>S.</i>	
74 degraus	15
<i>Lucas M. Carvalho</i>	
Intestino grosso	27
<i>Gabriel Sant'Ana</i>	
Ednei.....	31
<i>Peri</i>	

Novo ano feliz

S.

1.

Éramos três rostos em silêncio, de íris rápidas se movendo por um feed fugidio. Vez ou outra o dedo para o deslizamento, um riso ou ar de revolta sai, algum comentário solto. Se for interessante, pede-se para ver a tela, risadas, revoltas, e volta-se ao celular. Tédio completo. Passeio desinteressado pelos posts, todos iguais: gente reclamando de tudo.

Monstro, a gente vai ter que esperar amanhecer pra sair, olha a quantidade de gente na rua...

O Monstro, na varanda, olhava para baixo, o mar se confundindo em outro mar mais sujo, mar de cabeças e camisas brancas e cidras promocionais. Ele arrasta uma cadeira até a beirada e resolve mijar do balcão. O vento marítimo dissolve o rastro amarelo numa bruma dourada que lentamente vai precipitando sobre os miseráveis na calçada. Aquilo o distrai por alguns minutos. O tédio retorna logo.

Anda inquieto pela sala, como uma espécie de golem de creatina ansiando pela liberdade. A não ser, claro, que você seja uma espécie de

Moisés e que o teu senhor abra esse mar negro aí da frente pra você passar.

Ele investe na minha direção. Já falei pra você não ficar usando o nome de Deus em vão, cara. Você tem que parar com essa porra de ateísmo que isso é coisa de comunista.

O Monstro sempre foi supersticioso. A gente não fala na frente dele, mas a falta de um ensino superior decente se nota. Entrou num curso de administração de fachada e foi logo estagiar na empresa do pai. O resultado não podia ser outro.

Eu continuo distraindo os dedos e os olhos na tela. Mulheres. Mulheres de sutiã. Mulheres reclamando a censura de seus mamilos. Mulheres tirando fotos de calcinha e se sentindo poderosas. Mulheres de sovacos peludos. Elas só vão sossegar quando puderem mostrar abertamente a boceta. Na época do ensino médio todas se fingiam de recatadas e me diziam não, que isso, nós somos amigos, eu estou esperando minha grande paixão e agora todas estampam seus perfis com semi-nudes e dão para todo mundo.

Todo mundo menos a gente, diz o Monstro num momento de honestidade vencida. A luz do celular deixava mais grotesca aquela cabeça raspada, aquela orelha deformada pelo tatame, a voz grossa e rouca pelo abuso de sabe-se lá que substâncias.

Você não pode dar o que essas patricinhas liberais querem, Monstro. Mas sempre pode ver um revenge porn para sublimar os seus desejos, o acervo de fantasias violentas é tão vasto quanto a criatividade humana.

Às vezes eu sinto que era mais fácil ter nascido pobre. Aí eu ia gostar de pobre e era só comprar um carro ou uma moto que elas todas ficavam caidinhas, reflete o Monstro.

O Capitão sai do banheiro da suíte e ouve os gemidos de pornografia vindos do celular do Monstro. Seu degenerado, custa fazer isso no banheiro? Aquelas piranhas da sua academia não tão dando conta do serviço? Monstro contrariado fecha o vídeo. Foi ideia dele, diz apontando para mim.

Era ironia, eu desconverso para o Capitão não achar que eu estava afim de fazer uma sessão de punheta em casa. Depois da vez que o tio dele levou a gente para comemorar o aniversário dele naquela casa especial em São Paulo, toda espécie de pornografia

empalideceu, virou coisa de adolescente punheteiro, feito o Monstro.

Enquanto você fica aí enriquecendo essas vadias, eu estava me informando de coisa séria, começa o Capitão, alguém tem que dar um jeito nesse policiamento ideológico que tomou nosso país, mermão. Lembra do Campos? Teve que cancelar as redes porque postou um vídeo de um neguinho que pegaram roubando levando um corretivo adequado. Há uns meses teve lá o caso do Viking também, que teve que trancar a faculdade porque a porra dos comunistas tavam ameaçando ele porque ele tinha chamado uma aluna de favelada e emprega doméstica. Ninguém mais pode ter liberdade de expressão nesse paisinho, mermão. Quando eles fazem justiça com as próprias mãos são aplaudidos, quando a gente faz, somos os fascistas. Quando o maluco rouba, comete um crime real previsto na lei, ele merece o caralho a quatro. Agora quando o cara fala, só fala, mermão, pra eles o cara pode ser enforcado ali mesmo.

O excesso de engajamento do Capitão me irrita. Mas ele tem um ponto.

Mas meu tio Viriato tá organizando uma galera aí que você iria gostar, eu pontuo, para barbarizar com

esses movimentos. Tão patrocinados. Armados decentemente. Tem muita gente que não tá gostando desses estardalhaços deles.

O Capitão se foca no ponto errado. Parece procurar algo em sua mente. Esse não é aquele teu tio viado? Aquele que foi pego com um michê menor de idade, que saiu até no jornal? Ele não abusou de tu quando tu era pequeno não? Você vivia no sítio dele...

Não é culpa do Capitão, ele nasceu sem o mínimo tato social, mas irrita. As armas do grupo que ele tá montando ficaram aqui em casa, interrompo para que o Capitão pare de falar merda.

Seus olhos são como os de uma criança às portas da Disney. Ou como eram quando as crianças ainda se importavam com essas coisas. Agora as crianças só choram e esperneiam. Como os adultos.

Quando você fala arma é a mesma coisa de dizer que transou com um humano, mermão. Qual é a desse material? Tem coisa estrangeira ou só aquele lixo que a PM extravia?, pergunta Capitão quase salivando. Tem uma Nemo Omen Asp .300 com pintura customizada... é como usar uma Ferrari na Atlântica, completamente desnecessária, mas ainda assim amplamente desejada. Têm duas Colt

Python 357 cromadas zero quilômetros, na caixa ainda, uma escultura. E uma Benelli Raffaello, edição limitada, tão eficaz que deve até tirar a graça do uso.

Putá que pariu, devolve o Capitão, mesmerizado com minhas palavras encantatórias. Que que a gente tá fazendo nessa porra dessa casa olhando o celular e vendo filme pornô, caralho?

Esperando o dia raiar pra poder sair de carro da própria casa sem esbarrar em um monte de lixo, emendou o Monstro, com sua cara de bebê triste e imensa.

Eu armei uma raia de pó na mesa para a gente poder articular umas ideias. Olhar aquelas armas estava me animando, talvez o Capitão estivesse certo. Depois meu tio volta e leva tudo, nem teremos a chance de provar. Monstro serviu o uísque para suavizar a onda.

Cadê esse material, não vai mostrar pra gente não?, pede o Capitão.

Levo eles no andar de baixo e peço para uma das empregadas pegar para mim a caixa de metal em cima do armário no quarto de visitas. Ela volta mal se aguentando com o peso e digo que ela carregue tudo pro meu quarto, e com muito cuidado.

Ao abrir a mala, é como se uma onda de luz sublime iluminasse nossos

rostos incrédulos. Montei a Nero e estendi pro Capitão. Ele olha através da mira na cabeça do Monstro. Não mira na gente, porra, se não eu guardo tudo, aviso logo. Ele abaixa a arma e diz, sem jeito, calma, mermão, tá sem munição, não ia brincar assim com ela cheia.

É um desperdício um cara daqueles com essa parada toda, sinceramente, diz o Capitão. Tá certo que ele vai fazer um favor pra todos nós botando essas armas na mão de quem precisa. Mas ele mesmo não tem os colhões necessários para segurar uma dessas em combate. Eu sou a favor da liberação das armas, mas para quem é homem pra sustentar uma arma apontada na cara. Viadinho não.

E os travestis, alfineto eu, já embalado pela cocaína e me irritando menos com as viagens ideológicas do Capitão.

Aí é foda, mermão, eles sim. Lembra daquele perrengue quando a gente quis pagar um pra botar o pau na boca do Presuntinho quando ele tava apagadão depois da noitada?, Capitão cai numa gargalhada abafada pelo show da virada na praia.

Se dessem uma AR-15 na mão de cada travesti elas tomavam a cidade em uma semana, meu caro. Você não teria tempo de puxar o gatilho, conluo, olhando provocativo para o Capitão.

Ficamos os três com armas em punho apontando lá para baixo com os copos de uísque na mão. Imaginando as cabecinhas explodindo ao som seco da detonação, talvez ao som da nona de Beethoven.

Eu estava aqui pensando que poderíamos utilizar essas obras de arte para fazer uma performance hoje, rapazes. Imaginem que mágico seria dispará-las ao mesmo tempo em que os fogos de Copacabana explodem? É como se o país inteiro aplaudisse o nosso ato. Por mim eu dispararia contra a multidão ali de baixo mesmo que me pouparia ter que sair de casa na chuva e a pé, no meio desse lixão. Mas, infelizmente, diversos dos nossos vizinhos gostam de sentir o calor humano nesse dia e estão na calçada, dividindo espaço com aqueles que ninguém se importaria se morressem. Acertamos o filho de um empresário, a esposa de um advogado, um médico e nos tornamos matéria do Fantástico. Não é o que ninguém deseja. Fora isso, ainda que eu seja um espírito justo e odeie a humanidade como um todo por igual, bem conheço a – para mim inexplicável – inclinação do Capitão a certa classe e cor que, digamos, não abunda no seu condomínio na Barra. Veja, no entanto, o problema: esses miseráveis habitam seus fortes

intensamente protegidos pelas forças do tráfico, e três rapazes brancos, de cabelos lisos – o seu cabelo é liso quando sai dessa careca deformada, Monstro? –, jamais passariam livremente pelas vielas certas, fora que pouca gente deve ter sobrado nas ladeiras imundas de uma favela, que desce em peso para gozar a vista do calçadão. Mas vejam que providência divina: na minha faculdade os bolsistas resolveram organizar um réveillon para arrecadar fundos para a ONG e escolheram uma casa na fronteira entre nosso território e o deles. Aí está o erro fatal dessa gente: habitar fronteiras. Seja um miserável completo, e você vive sob as asas do tráfico. Seja um bom rico e o estado te protege. Agora, os que se arriscam a cruzar as fronteiras sempre pagam. Não só os pobres, diga-se de passagem. Os ricos também. Aqueles imbecis que resolvem fazer ação social em favela, ou aquelas degeneradas que acham erógeno transar com o chefe da boca. Quando há um mínimo distúrbio na ordem social, os espaços de segurança são os claros, os definidos, os extremos. Tudo que é cinza, fica do lado de fora das muralhas. Como o deus do Monstro diz, tudo que é morno, vomitarei da minha boca.

Há silêncio. Depois o monstro dá uma troante gargalhada, engatilha a

Benetti e diz, Caralho, você já tá doidão, cara.

2.

Passamos pela garagem para não cruzar com o porteiro. No caminho, o Capitão passa as mãos pela lataria do seu Opala de colecionador, lamentando não poder levá-lo para o nosso passeio. Sair é um choque. É ainda pior estando no meio daquela gente. Todos coroados com a nuvem de urina do Monstro, se tocando, se beijando, pulando e suando.

Avançamos nos esgueirando pela multidão e ganhando espaço enquanto nos afastamos do litoral e passamos para as ruas internas. Nas mochilas e bolsas, as armas, silver tape, corda e as máscaras que o Monstro estava estocando para o pré-carnaval, além de uma muda de roupa branca, para festejar. Cruzamos algumas viaturas e, em uma delas, o Capitão até resolveu brincar. Disse que tinha visto três rapazes suspeitos na rua de trás carregando volumes que pareciam ser armas. Lá foram eles buscar três pessoas bem diferentes de nós para enquadrar.

Foi uma caminhada longa até a Siqueira Campos, já perto do túnel. Conforme avançamos, ficamos menos à vontade, saíamos do nosso meio, mas, ali, no máximo perderíamos celulares e

uns trocados. Não trocaríamos tiro com ninguém em plena rua por uma mixaria. Chegamos no endereço. Tocamos a campainha e colocamos as máscaras: eu de Coringa, o Monstro de Batman e o Capitão, em homenagem à sua alcunha, de Capitão América.

A porta abriu e o Monstro esmagou o nariz do anfitrião com a coronha da Benelli. Agora vejam que curioso: fosse uma festa de rico, haveria grito e choro, seria difícil manter a civilização. Ali sabiam as regras do jogo e abaixavam a cabeça como foram ensinados a fazer. Era sorte, para nós, que fosse uma festa do coletivo negro, senão haveria pelo menos uns dez não cotistas ali para dar dor de cabeça.

Desliga a música que eu não quero gritar, por favor. O estudante de filosofia – de camiseta dos líderes comunistas festejando vendida a 50 reais no centro acadêmico – desliga a caixa de som.

O Monstro e o Capitão prontamente reuniram e renderam todos os participantes no meio da sala. Vinte e cinco estudantes, incrível. Como em uma cotidiana revista policial, todos deitados em silêncio, quietos, como se não estivessem sendo vistos nem vendo nada.

Tem alguém ali nos fundos?, eu perguntei.

Só minha mãe, parceiro, é uma senhora de idade, está acamada.

Tem algum menor de idade?

Meus irmãos tão na praia pra ver os fogos.

Sansão, pega essa menina aí na ponta e vai lá nos fundos checar essa história de velha na cama.

O Monstro ficou olhando para os lados, sem entender quem era Sansão.

Você mesmo, seu idiota, quer eu te chame pelo nome? Quer que eu dê logo seu CPF pra eles? O Monstro levantou uma caloura de trancinhas como se fosse um graveto e empurrou para o quarto dos fundos.

Eduardo, amarra os fortões aí.

O Capitão poderia trabalhar com shibari tal era a destreza com os nós. O trabalho é minucioso e lento, ele puxa com força os nós até ouvir um gemido mínimo de protesto da vítima, ver a tensão da flexibilidade dos membros. Do quarto dos fundos, outros gemidos pareciam responder aos da sala, numa comunicação subconsciente de dores. Quando o Capitão terminou, os rapazes pareciam peças de açougue vivas.

Revistamos todo mundo, tiramos os celulares que encontramos. Nem um beque para facilitar a cena do crime, vou ter que deixar uma quantidade aceitável do meu pó aqui pra ajudar no trabalho da polícia.

O Monstro volta sozinho.

Não fez o que eu falei?, eu disse.

Ele me arrasta em silêncio pros fundos. Eu precisei mostrar pra elas quem manda nessa porra, ele diz baixo, com seu tom arrependido, como o dia em que vomitou no meu sofá.

Fui para os fundos. A menina magra estava na cama, em uma posição confusa, as roupas dilaceradas e o pescoço com as marcas de constrição de uma anaconda. A velha estava tão coberta de hematomas que seu rosto já não era mais distinguível. Ele sequer estreou as armas. Agora ela entendeu que não tem essa de meu corpo minhas regras, se vangloria o Monstro. O rapaz descarregou anos de frustração naquele corpo. Pobre menina. Ter como última visão a cara dele no meio de um orgasmo. A mãe, apesar da cara destruída, estava até arrumada. Um vestido branco agora salpicado de vermelho, o cabelo branco com aqueles tons levemente arroxeados que as velhinhas adoram. Um sem fim de bijuterias de mau gosto. Aproveitei que o estrago estava feito para externar meu espírito criativo. Me livrei de todas as joias, que estragavam a cena. A aliança custou tanto que tive que arrancar com uma tesoura de costura. Uni as duas na cama, uma sobre a outra, com os membros moles bem esticados. Percebi,

ao mover seu corpo, que a senhora havia defecado enquanto apanhava. Aproveitei a merda para escrever um título na parede. Mulher vitruviana. Depois, apaguei com pesar, seria tolice deixar uma marca de alta cultura numa cena de extermínio por dívidas do tráfico. Lavei bem as mãos e voltei para a sala.

Acho que esse começo abriu meu apetite. Se aproxima a hora da virada e ainda não ceamos. Se vocês não se importam, vamos começar um pouco antes da hora. Se alguém resolver interromper minha refeição será uma boa ocasião para eu estrear uma dessas lindas peças que eu trouxe comigo.

Eu estava para comer o primeiro pedaço de bacalhau quando um dos líderes do movimento resolveu dialogar. Tá tranquilo, meu parceiro, pode comer à vontade, a gente sabe a barra que é ter fome e não ter o que comer. Aqui o que é de um é de todos.

Fiquei olhando pra ele. O pano na cabeça. As roupas étnicas provavelmente fabricadas por mão de obra escrava na Tailândia.

Se quiserem o dinheiro, as mochilas, tá tudo ali no armário. Não tem muita coisa, mas pode dar uma fortalecida no corre de vocês aí.

Filha da puta. Ele realmente tinha confundido a gente com assaltante

de pobre, a classe mais baixa e desprezível dos criminosos urbanos? Ele achou que a gente era uma cambada de desdentado morto de fome afim de invadir uma festinha de bacana pra comer e roubar qualquer coisa? E, o pior, ele achou que a gente empatizaria com ele por esse discursinho piegas?

Como é seu nome?

Everton, ele disse.

Everton, meu parceiro, levanta aí, rapidinho.

Ele levantou. Desamarrei os braços dele.

Valeu, irmão, ele disse. Dá pra ver que vocês não querem barbarizar ninguém, estão aqui só pelo corre mesmo. Pode fazer o teu aí tranquilo que ninguém vai dar queixa não, se duvidar a gente é mais visado pela PM que vocês. Ele termina com uma risadinha quase relaxada, apontado para os outros como quem diz, relaxa galera, eu conheço bem o movimento, sei falar a língua da malandragem, meu parça aqui vai liberar a gente já já. Eduardo, pode me trazer meu prato de bacalhau, por favor. Pedi que ele fosse carregando a Nero devidamente enquanto eu terminava.

Levantei e alinhei mais quatro pessoas de joelho. Pedi encarecidamente que não movessem as cabeças. Me posicionei à distância

adequada. Puxei o gatilho. Alguns idiotas moveram a cabeça e a bala só chegou ao terceiro. Nem atravessou. Ficou alojada enquanto ele entrava em uma espécie de transe moribundo, vendo as frestas do abismo de sua inexistência. O primeiro estava limpo de um lado, só com o furo certo do projétil, enquanto do outro parecia ter explodido uma granada com a cabeça. Já o segundo e o terceiro, manchados de sangue e miolos, ficaram irreconhecíveis.

Está vendo, Eduardo, a proeza do Jack no filme do Von Trier é irrealizável, como eu disse. Mesmo com pessoas bem amarradas, o tiro precisa ser feito em uma situação mais que ideal, é impossível.

Você não sabe manipular devidamente uma arma deste porte, com todo o respeito, mermão. Você não organizou as vítimas devidamente, não usou um tripé para estabilizar e provavelmente estava tremendo de animação. Com sua licença. Capitão toma a arma de minhas mãos e assume a dianteira.

Agora, só havia um choro fino e conformado no chão. Vocês três aqui, diz o Capitão, puxando enquanto um coro de “não, por favor, não” ganha volume. Se vocês se mexerem... se... Caralho, calem a boca! Prestem bem

atenção, se vocês se mexerem vão ficar que nem esse coitado aqui, sentindo a bala queimar os miolos sem morrer em paz.

Presta atenção como se faz, o Capitão provoca. Puxa o gatilho. O trabalho é impecável. É como ver uma explosão de fogos feita de carne humana. Eu me emociono. Os corpos ficam deitados uns nos torsos dos outros, como fatias brilhantes de presunto na bandeja.

Vocês não vão provar nenhuma das faveladas? Vão ficar só nessa de explodir cabeça? O Monstro protesta.

Não estou a fim. O estupro é feio, vulgar. É algo típico de... Não vou manchar o meu trabalho.

O Monstro dá de ombros. E você, Ca... Eduardo?

O Capitão me olhou com ares culpados. Depois olhou para o Monstro e para uma espécie de Beyoncé genérica que estava em prantos fortes agora.

Não custa provar, se justifica o Capitão.

A garota usa suas forças, mas o Monstro ajuda a sossegar a menina para o seu amigo. Ela ficou olhando para o teto enquanto o Capitão fazia tudo olhando para a arma e sussurrando palavras de incentivo para si mesmo.

Pouco depois dos trinta segundos que durou aquilo, começamos

a ouvir a contagem regressiva. Os fogos estouram no céu e nossas armas brilham na terra. As vítimas tentam correr em vão, sendo alvejadas sem dificuldade. Nas casas ao redor, a maioria só ouve os fogos. Os que ouvirem os tiros, não estranharão, é rotina por aqui. O Brasil inteiro se abraça enquanto os últimos sobreviventes se arrastam lentamente pelo chão nos esforços vãos que todo humano faz antes de seu momento derradeiro.

Eu coloco uma quantidade aceitável do meu pó na mesa e o resto eu deixo no armário, junto com alguma munição, as cordas, o silver tape e as máscaras.

Muito obrigado pela cooperação de todos, eu disse. Ninguém respondeu.

3.

Depois de trocar de roupa, caminhamos tranquilamente para casa. Na praia, a cidade estava em júbilos de paz e esperança. Abracei alguns transeuntes e fiz meus votos.

Entramos pela garagem, subimos. Pedi que as empregadas colocassem a comida na mesa. Estourei um champanhe e coloquei, por que não?, a nona para tocar. O Monstro vomitou no banheiro antes de vir. O Capitão quis começar a ceia, mas bati em sua mão. Vamos esperar o Monstro.

Quando ele chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja ainda melhor. Um novo ano feliz para vocês.



74 degraus

Lucas M. Carvalho

1. Respiro fundo como se tivesse acordado de um transe profundo. Então meu coração dispara. O tempo está correndo.
2. Só há escuridão. Estou sentado numa cadeira dura, as mãos e os pés amarrados para trás. Os pulsos e os ombros doem.
3. Tento enxergar algo ao redor além dos contornos, mas é difícil. Sinto que o lugar é pequeno, cheira a mofo e a madeira velha. As cordas estão muito apertadas. Como sempre, imagino como ele faria para sair. Há uma chave? Onde estaria?
4. Ouço mais um passo. Ele já subiu quatro degraus.
5. Respiro fundo e tento pensar. Sei que estou vestido, mas não é possível que haja uma chave no meu bolso, porque minhas mãos não o alcançam. Está apertado demais. Talvez nos sapatos?

- Não tenho movimento suficiente para tirá-los. Vasculho minha boca com a língua. Presto atenção nas sensações do sistema digestivo, para detectar algo diferente no esôfago, talvez um incômodo de ter um objeto metálico descendo por ele. Tudo parece normal. Talvez não seja uma chave... As cordas são de algodão ou nylon, e é bastante improvável que ele usasse um cadeado para prendê-las.
6. Balanço a cadeira duas ou três vezes, e caio no chão ainda preso a ela. Meu rosto se pressiona contra o assoalho úmido que, como havia imaginado, era de madeira.
 7. Com a mão direita, consigo acariciar a corda que envolve a mão esquerda. Há um nó. Talvez seja isso: nada de cadeados ou correntes, mas nós. Ele imaginou que eu não conheceria essas técnicas navais, mas eu conheço... O primeiro é um nó

heráldico, que parece ter oito ou nove voltas. Procuo o ponto de folga por onde devo começar a puxar. O processo é lento.

8. Minhas mãos agora estão folgadas. Percebo que uma única corda liga meus pulsos e pés, passando por diversas amarras diagonais na cadeira. Há ainda algo estranho... talvez um nó balso americano... Não, é um nó balso pelo seio fixo, usada para se criar uma cadeira de cordas improvisada para resgates ou escaladas. É como se a cadeira feita de cordas se formasse ao redor da cadeira de madeira, como um parasita vegetal. Tenho que desfazê-la antes de liberar meus pés.
9. Feito. Desenrolo meus tornozelos e solto o último nó boca de lobo ligado à cadeira.
10. Fico de pé e alongo meus ombros e pulsos. Minha pele está esfolada, e percebo que minha testa sangra por causa da queda. Mas tento não perder a conta dos passos dele. Subiu mais um degrau. Já foram nove ou dez... Dez degraus. É difícil

pensar e contar ao mesmo tempo! Meu coração dispara, mas eu tento manter a calma.

11. Começo a tatear as paredes. O assoalho range com meus passos. O cômodo é pequeno, dois metros por dois, abafado. Ele pensaria como eu. Como eu projetaria uma saída para essa sala? Não encontro nada.
12. Resolvo tatear por quadrantes. Na primeira parede, começando do canto superior direito, e desço até o chão. Uso a cadeira para alcançar máxima altura. Farpas entram no meu dedo.
13. Na segunda parede, encontro um buraco. O dedo indicador não entra. Vou com o mínimo. Puxo a porta falsa na parede.
14. Meus olhos se acostumam com a claridade. Minhas juntas doem. Olho para trás e vejo que sim, era uma parede falsa coberta com o papel de parede caramelo. Não faço ideia de que lugar é esse.
15. Estou numa sala de estar bastante sofisticada, em estilo

vitoriano. Uma mesa de jantar de mogno, coberta por uma toalha branca, velas e um vaso de cerâmica. Há um relógio enorme na parede, com um pêndulo extremamente barulhento. O maldito imaginou que o som do pêndulo pudesse me fazer perder a conta de seus passos... Preciso me concentrar melhor. Foram quinze.

16. Anexa à sala de jantar, há uma sala de estar. Um tapete de pele de urso, daqueles com a cabeça do animal como se estivesse gritando, se estende diante das poltronas. Na mesa de centro e nas cristaleiras, há algumas estatuetas de madeira, bronze ou cerâmica, todas representando cavalos. Acima da lareira, um quadro enorme, réplica da “La vanità”, de Guglielmo Zocchi.

17. Jogo no chão a estatueta de cerâmica. O cavalo se estilhaça. Pego um caco, estendo o braço e o posiciono sobre o pulso esquerdo. Posso sentir as veias latejando. Prendo a respiração e fecho os olhos. Mas não tenho coragem. Ele sabia que eu não teria. Minhas mãos tremem. Se

houvesse uma arma, a morte seria rápida. Mas eu não sou capaz... Não assim...

18. Acima da lareira há uma espingarda de caça. Tento manusear. Abro o cano, mas está, obviamente, desmuniada.

19. Sobre a mesa, ao lado de um jogo de chá chinês, encontro uma carta. O selo de Rúbem, em cera azulada, fecha o envelope que contém um papel cartão semelhante a um convite de casamento. Ele escrevera à mão.

20. “Esta é sua última chance. Depois disso, vou matá-lo. Vá para a cozinha e olhe no freezer.” Leio duas vezes com cuidado, mas não obedeco. É uma pista falsa, e meu tempo é escasso.

21. Atravesso a sala de estar e chego ao hall. A porta de frente está coberta por correntes da espessura de um braço, presas à parede.

22. Dou meia volta e olho as janelas. Todas estão trancadas com enormes cadeados. Uso a

espingarda para bater no vidro com toda a força. É espesso demais, talvez blindado. Tenho certeza de que Rúbem escondeu todas as chaves das janelas em um único lugar.

23. Lá fora, vejo um Jaguar preto estacionado ao lado da piscina, o capô virado para a casa. Os paralamas estão sujos de sangue, e arrisco dizer, pela sujeira entranhada nas rodas, que aquilo é cabelo humano...

24. Espio para além da piscina. Vejo um canil e um caminho de pedras que atravessa o jardim bem cuidado. É uma mansão. O terreno se estende, como se fosse uma fazenda. Fico me perguntando o que o maldito sociopata terá feito para conseguir tanto dinheiro...

25. Atravesso o hall, chego numa espécie de escritório ou biblioteca. Não há nada sobre a mesa. Há mais quatro réplicas de Botticelli nas paredes: “Palas e o Centauro”, “Primavera”, “As Provações de Moisés” e “A História de Lucrecia”. Tento movê-los, mas estão bem fixos.

26. Vou à estante e começo a jogar todos os livros no chão, fileira por fileira. Na terceira delas, revela-se ao fundo um pequeno cofre. O botão giratório requer uma combinação numérica.

27. Penso em possibilidades. Sei que Rúbem tem lapsos graves de memória, e não deixa nada importante guardado apenas em sua cabeça. Tudo, desde contas bancárias até a própria data de nascimento, está sempre ao redor, porém invisível. Ele deixa tudo pronto para que, caso tenha uma crise intensa de amnésia, consiga recuperar todas as informações importantes redescobrimo as pistas que deixou para si mesmo.

28. Escuto um gemido que me dá calafrios, vindo da escadaria abaixo de mim. Rúbem continua subindo.

29. Então eu vejo um espaço vazio. Todas as prateleiras que restam estão completas, de ponta a ponta, por livros separados por gêneros: filosofia clássica, filosofia moderna, direito,

- medicina, literatura... Nesta última seção há um espaço vago entre dois livros. Rúbem é metódico, tem suas manias e suas inflexões. Ele sabia que este espaço chamaria sua atenção. É a pista para si mesmo. Mas o que será?
30. Volto ao hall, determinado a encontrar o livro faltante. Adentro a sala de jantar e sigo pelo corredor. Há muitos quartos...
31. Ao passar, olho de relance para a cozinha: não há panelas, facas ou utensílios. É verdade que Rúbem me julga covarde, mas deixar uma faca à mostra poderia ser tentação demais. Ele me quer vivo.
32. Entro no banheiro. É branco, arejado e tem um cheiro de sabonetes. A banheira com hidromassagem é circular. Procuo dentro do armário, atrás do espelho. Vejo desodorantes, óleos essenciais, creme de barbear, mas não a lâmina. Perda de tempo. Saio.
33. As portas dos quartos estão trancadas, salvo a do final do corredor.
34. Após girar a maçaneta e ranger as dobradiças da porta, sinto meu estômago revirar: há um corpo na cama, deitado no lado esquerdo, virado de barriga para baixo e com as palmas das mãos para cima. Decapitado. Usa uma roupa de hospital, e não sei é homem ou mulher. Cheira a sangue, mas não a podridão. É um cadáver fresco.
35. Na mesa de cabeceira, o livro. “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca. Folheio o índice e dou uma risada de dor. A escolha do livro, desde o nome do autor ao fato de que um dos contos se intitula “74 degraus”, revela um tipo de humor que Rúbem dominava com maestria, mas era usado apenas para exercer domínio por meio do terror.
36. Tento fazer uma leitura dinâmica do conto.
37. Escuto-o subir o trigésimo sétimo degrau. Seus passos lentos, absurdamente lentos, me

apavoram. Aquele mesmo humor parece se estender aos movimentos propositalmente prolongados...

38. Esforço-me na leitura dinâmica.

Eu já conhecia a história; na verdade, conheço a obra do autor como a palma de minha mão. Mesmo assim, meus olhos varrem as páginas, mas os nomes dos personagens se embaralham. O estilo experimental de diálogos exigiria tempo e concentração. Não tenho nenhum dos dois.

39. Abro o closet. Vejo uma longa

fileira de ternos italianos. Há quatro gavetas abertas, com roupas íntimas e meias. Na última gaveta, mais um livro. Este livro parece estar sobrando... Não. Rúbem é patologicamente metódico, não deixaria passar algo assim. Se ele tivesse um livro que não cabe nas prateleiras da biblioteca, ele o teria incinerado.

40. Pego os dois livros e os ponho

lado a lado. Sim, a espessura de ambos pode ser equivalente ao espaço vazio na biblioteca. São

dois livros sobressalentes, não apenas um. Este é “Lord Jim”, de Joseph Conrad. Conta a história do marinheiro Jim, que escapa do navio Patna se misturando numa multidão de mulçumanos e...

41. Aperto os livros com força.

Sinto o suor escorrer e as mãos tremerem. Minha respiração acelera. Rúbem já subiu mais da metade da escada, e estou preso nesses malditos jogos! Ele poderia, sem prazo, resolver seus próprios quebra-cabeças... Mas eu tenho tempo contado...

42. Olho para as capas dos livros

outra vez, e um lampejo ilumina minha mente. Lord Jim... Folheio novamente o conto “74 degraus”, e encontro a resposta. Lord Jim é o nome do cavalo. O cavalo! Alfredo, o medalhista olímpico do conto de Rubem Fonseca, caiu montando Lord Jim e fraturou a espinha... A sala de Tereza, sua esposa, tem um poster do animal, e diversas estatuetas de cavalos...

43. Corro para o corredor,

desviando o olhar do cadáver

sem cabeça, e vou até a sala de estar.

44. Examino as estatuetas, uma a uma. Não encontro nada. Então, ajoelho-me no tapete e começo a buscar nos cacos. Um deles tem uma agravação suave em baixo relevo, com o número: “132.176”.

45. Corro para a biblioteca e giro o botão do cofre. “um, três, dois...”. Ao terminar, ele não abre.

46. Minhas mãos vão à cabeça em desespero. Aperto os fios, quase arranco um tufo. Olho para os quadros “Palas e o Centauro”, “A Primavera”, “As Provações de Moisés” e “A História de Lucrecia”. Levo um tempo para perceber que há um elemento comum a todos, e que não fazia parte das composições originais de Botticelli: um cavalo. O mesmo cavalo observava Vênus, no quadro “A Primavera”; se misturava ao rebanho das filhas de Jetro, no quadro “As provas de Moisés”; bebia água em um detalhe no fundo de “Palas e o Centauro” e invadia o

palácio ao lado dos soldados romanos em “A história de Lucrecia”.

47. Observo “A história de Lucrecia” mais de perto. Há linhas em grafite, como que tracejadas levemente a lápis, quadriculando a tela. À esquerda e embaixo, vejo números que variam de 201 a 300. Coordenadas? “Palas e o Centauro” tem números que vão de 301 a 400...

48. Meu número, 132.176, está em “As provas de Moisés”. As coordenadas me dirigem a um detalhe específico na cena: Moisés tirando os sapatos para entrar na presença de Deus.

49. Olho para baixo: uso sapatos sociais pretos. Fico descalço, tiro as meias. Observo dentro do calçado, depois nas solas. Não está aqui, sei disso.

50. Corro para o quarto. O corpo decapitado usa roupas de hospital, e um par de alpargatas de algodão nos pés. Descalço o cadáver. Então vejo, na sola do pé, escrito em carne viva com

algum tipo de agulha, os números “11051925”.

51. Corro de volta pelo corredor. Escuto o gemido de Rúbem. O maldito já passou do quinquagésimo degrau? Acho que já perdi a conta...

52. Na biblioteca, giro o botão do cofre. “1105...” Esqueço a maldita combinação. Que inferno! O número é longo, não tenho como anotar e não tenho tempo para procurar.

53. Volto ao quarto, examino a sola do pé com cuidado. Fecho os olhos e falo os números sem parar em voz alta.

54. Um, um, zero, cinco, um, nove, dois, cinco...

55. Giro os botões, o cofre abre. Dentro, uma chave e mais uma carta selada.

56. “Você ainda não olhou o freezer da cozinha. Sei que não olhou. Não quer saber a que cabeça pertence o corpo que você encontrou no quarto?”. Sinto um frio na barriga. Rúbem já havia

matado quase todos os que eu amei... Mãe, pai, irmãos, esposa, amigos. Mas eu tenho medo de descobrir quem pode estar lá. Minha boca saliva, a adrenalina se espalha. É isso o que ele quer. O tempo se esvai, como uma maldita ampulheta que tem minha vida no lugar dos grãos. E ele brinca comigo. Quer que eu enlouqueça, nos poucos minutos que tenho antes de sua chegada.

57. Pego a chave e corro para os quartos trancados. Testo uma a uma.

58. Finalmente, uma delas se abre.

59. É um quarto maior, com uma cama king size. Ao contrário do restante da casa, de estilo vitoriano, este é moderno, variando em tons de cinza, branco e preto. Uma das paredes é totalmente feita de vidro, com vista à piscina. Uma televisão está suspensa do teto. A tela é fina, como nunca tinha visto. O ambiente é extremamente limpo e minimalista. De decoração, apenas alguns troféus de filantropia: doações para o Hospital do Câncer, vacinas para

crises pandêmicas em Bangladesh e na Índia... O demônio que joga esmolas para que não vejam o sangue em suas mãos...

60. Este é o quarto dele. O quarto de verdade, e não meramente uma peça de seus jogos. É este o seu estilo. Vou à mesa de cabeceira. Na primeira gaveta, alguns papéis: contratos, telefones, extratos bancários. Na segunda gaveta, uma agenda de compromissos, documentos que parecem ser laudos médicos e diversas caixas de remédios: mirtazapina, clozapina, risperidona, haloperidol e olanzapina.

61. Na terceira gaveta encontro um gravador de voz portátil K7. Pela espessura da fita magnética em ambos os carretéis, deduzi que fora pausado no meio de um trecho já gravado. Rúbem quer que eu escute isto, neste exato ponto. Afundo o botão play num estalo.

62. “Quantos anos você tinha quando teve os primeiros sinais

de transtorno dissociativo de identidade?”

“Nove anos, doutor.”

“E qual era a frequência, nessa época?”

“Ele surgia a cada seis ou sete meses. Se tornou mais frequente na adolescência.”

63. Mentiroso, eu grito. Mentiroso maldito! Você surgiu na minha vida, e não o contrário! Então é isso? Quando você disse que esta era minha última chance, e que me mataria, não estava blefando? Acha que eles podem simplesmente me apagar?

64. “Vejo pelos relatórios que não há manifestação de TDI há mais de dois anos. Isso é uma excelente notícia. Os incidentes de amnésia dissociativa têm persistido?”

“Eventualmente. Mas têm se tornado consideravelmente mais raros.”

65. Tropeço para trás. Dois anos? Olho ao redor, confuso. Depois, debruço-me na segunda gaveta e vasculho os documentos. Qual é a data desses laudos psiquiátricos? 12 de abril de

1987. 25 de junho de 1987. Se esses laudos estão atualizados, de fato dois anos se passaram desde a última vez em que estive aqui, no topo da escadaria...

66. Um som arranhado vindo do aparelho indica que algo foi gravado por cima da faixa atual. A voz de Rúbem, agora mais grave e envelhecida do que de costume, diz: “Conheço seu modo de pensar. Ele coincide com o meu. Está ouvindo isso, e ainda não foi até o freezer da cozinha. Vá agora.”

67. Corri, tropecei, atravessei o corredor. Abri o freezer.

68. Era a cabeça de uma mulher. A náusea foi tão forte que não consegui conter o vômito, que se extravasou sobre a blusa. Tentei me recompor. Em sua boca, uma carteira de identidade indicava o nome. Era minha filha... minha filha de oito anos de idade, com um rosto maduro que eu não reconheci. O documento, plastificado em modelo novo, tinha data de emissão de 29 de abril de 2020.

69. Faz quarenta e quatro anos... Olho apavorado para minhas mãos envelhecidas. Grito, e minha própria voz parece a de um estranho. Por isso sinto dores nas juntas... Faz quarenta e quatro anos... E restam cinco degraus para Rúbem retornar à superfície. Ele estava certo. Eu tenho ficado lá embaixo por um tempo que não imaginava... Em breve estarei no degrau mais profundo, e a subida, a longa subida, demandaria um tempo que este corpo débil não dispõe... Eu nunca mais abrirei estes olhos...

70. No exato momento em que conto setenta passos, o relógio da sala de jantar toca badaladas sem parar. Escuto um ruído vindo do quarto. Ponho-me de pé e arrasto os pés até lá. Uma das paredes se abriu, revelando um quarto secreto adjacente.

71. Há duas mesas abarrotadas de papéis, desenhos, diagramas, mapas. Sobre elas, um cartão dobrado, com os dizeres “tempo esgotado, você perdeu sua última chance”. As paredes têm bilhetes com anotações, alfinetes

e barbantes os conectando. Há cinco ou seis cadernos escritos à mão.

72. Rúbem esteve obcecado... por muito tempo. Um dos cadernos descreve o passo a passo para solucionar cada um dos quebra-cabeças que ele construiu. Os livros, as estatuetas, os quadros, o sapato, o cofre... tudo está apenas na primeira página do primeiro caderno. Cada um dos cadernos teria pelo menos duzentas páginas... Os mapas e os diagramas mostram que há mais doze quartos nesta mansão, um labirinto subterrâneo, enigmas em quatro zonas externas, uma dezena de problemas matemáticos e geométricos com caixas estranhas, um sistema hidráulico para inundar os cômodos na ordem correta, mistérios envolvendo outros cinquenta e dois livros da biblioteca, incluindo criptografia e cálculo integral... Tudo para no fim encontrar como recompensa uma caixa com uma única bala de espingarda.

73. Quarenta e quatro anos é muito tempo. Eu nasci homem, ele nasceu sombra. Entretanto, desde a primeira vez em que ele se algemou para que eu não atrapalhasse seus planos, quando tínhamos dezessete anos, muita coisa mudou. Rúbem esperou por décadas para este jogo final entre nós... Teve tempo para pensar e repensar em cada detalhe absurdo que eu jamais alcançaria. Ele ganhou. A sombra devorou o homem – a sombra que era mais inteligente, mais carismática, mais genial. Ou pelo menos é isso o que o desgraçado pensa...

74. Corro de volta para a sala de estar. Pego no tapete os cacos da porcelana, rasgo sem pestanejar as veias do pulso esquerdo. Por ironia, o homem mais calculista que já conheci cometeu um erro de cálculo: ele não considerou que é fácil dilacerar o próprio corpo quando você já se vê como um homem morto. Agora, arrebento as veias da mão direita. O sangue encharca o urso que grita. Rúbem está dando o último passo, no topo da escadaria. Ajoelho-me, bato a

cabeça no chão uma vez, duas,
três, sinto o crânio rachar e o
cérebro inundar, quatro vezes,
cinco, o sangue da cabeça se
mescla com o dos pulsos, seis,
sete, nunca saberei se morrerei

sozinho ou se o arrastarei
comigo, oito, nove...



Intestino grosso

Gabriel Sant'Ana

Qual é a voz do cu? (Rogério Skylab)

Para entender a natureza humana, é preciso que todos os artistas desexcomunguem o corpo, investiguem as ainda secretas relações entre o corpo e a mente, esmiúcem o funcionamento do animal em todas as suas interações (Rubem Fonseca)

Boa noite a todos! É com imenso prazer que nosso Centro Cultural recebe a exposição *Intestino Grosso*, do artista T. Alvez. Hoje realizamos, durante a tarde, visitas guiadas e algumas performances. Agora abriremos a noite com as falas dos curadores da exposição, a artista Francine Moura e o professor de artes visuais Júlio Tavares. (*Aplausos do público*). Passo a palavra à querida Francine! (*Aplausos e assobios do público*).

Ter sido convidada a falar sobre a exposição de Alvez é motivo de orgulho e ao mesmo tempo de temor, pois o maior perigo de *falar sobre* é de algum modo tender a circunscrever, a limitar, a dominar. Então vou procurar criar algo a partir do que vi, senti, comi e defeguei. O vídeo que Alvez gravou dele mesmo defecando no tapete da sala

é, num primeiro momento, incômodo, logo depois, seu cachorro defeca ao lado. Por que ver uma pessoa gravando a si mesma cagando - acho que vou preferir essa palavra - me incomodou? Será que eu me sentiria incomodada se essa cena viesse depois do cachorro cagando? Não sei... Mas associando isso às fotografias, em preto e branco, de moradores de rua debaixo de um viaduto em Madureira, e as fotografias, em cores, de fezes do outro lado da rua, ao que parece no mesmo local, me trouxeram lembranças de cenas parecidas vistas, sentidas. Quando ao certo não sei, mas foi longe, mas um longe que se repete até o hoje, e se repetem em locais muito parecidos, pode ser debaixo dos viadutos da cidade, em cantos de paredes próximas a bancos, ao longo de uma calçada contornando os muros de uma universidade - calçada esta pouco utilizada devido à proximidade de uma comunidade... Distinguimos as fezes das pessoas... As fezes de quem desconhecemos recebem ódio extremo ou apatia, daqueles que conhecemos recebem certa tolerância, as nossas recebem um olhar ligeiramente atento em situações “normais” ou muito atento quando doentes - quem nunca teve de colher um pedaço para o exame?

O incômodo de cagar onde não é o local apropriado - e logo no tapete da

sala! Do cachorro poderíamos talvez esperar esse comportamento, podemos buscar várias explicações. O mesmo poderíamos esperar de uma criança pequena... Mas um adulto? Não fiz num tapete nem na sala. Mas na cama. Estava dormindo, um sono pesado, acho que estava tendo um pesadelo, estava presa dentro do banheiro de um shopping, gritava, estava trancada, gritava muito, mas estava com diarreia, não tinha como fazer força para abrir a porta, as luzes se apagaram, aí acordei completamente suja na cama, quanto trabalho tive para limpar... Sei que não estou numa terapia. Mas *Intestino Grosso* me abriu a possibilidade para falar sobre o ato de cagar sem qualquer tipo de tabu, vergonha ou que seja for. Assim como perceber os outros como seres *cagantes*. E atentem que não existe nisso qualquer metáfora, tal como existe quando falamos que alguém é um *cagão* ou que *caga pela boca*. Essa é a verdade que concluí a partir desse belo trabalho de Alvez: somos seres cagantes. Existe nisso um aspecto positivo, tanto como dizer que somos seres falantes, políticos, pensantes ou sociais.

(Fortes aplausos e assobios)

Antes de passarmos a palavra ao nosso querido Júlio, quero novamente agradecer ao público por estar aqui, nesta hora tão avançada da noite, nos agraciando e prestigiando o trabalho do artista e as falas das queridas e dos queridos especialistas e artistas que

compõem a mesa. Então passo agora a palavra ao Júlio.

Boa noite! Fico muito feliz por esta exposição ser motivo tanto para elogios quanto para críticas preconceituosas! As minhas palavras sobre a exposição do Alvez são suspeitas, afinal acompanhei ele durante toda a sua graduação e pós, fui seu orientador... Mas desde o início observo seu talento e percepção delicada. Não vou me estender muito nem vou dar ou tentarei não dar uma explicação, mas vou tentar explicar a minha percepção dessa intestinal exposição, propondo o seguinte percurso.

Quando você leva o pedaço de carne para ser moído, antes disso acontecer, talvez você fique preocupado com a limpeza do frigorífico, com a qualidade do boi, com o modo como suas carnes foram transportadas, com a possibilidade de o mercado ter desligado o *freezer* quando foi fechado e antes de ser aberto ele ter sido religado, pois você percebe que a carne não está com um cara muito agradável, talvez se retirasse o plástico para cheirar mas há câmeras, há outras pessoas atrás de você na fila e que observam seu rosto virando para observá-las, dá um sorriso e uma rápida piscada da mesma forma correspondidos, *Esquadros*, da Adriana Calcanhoto, está tocando, mas não sabemos qual virá a seguir, as pessoas da frente comentam algo sobre os preços altos, apesar disso parece que não há escolha, o pão de forma e o leite, por exemplo, em relação ao outro

mercado, estão com uma diferença de míseros centavos, sem falar na aveia, realmente ter uma alimentação saudável é quase impossível, e assim se vai a saúde, só de exames que já fiz ano passado e início desse já perdi a conta e o dinheiro, porque o plano não cobre todos os tipos.

Então chega a sua vez de entregar o pedaço de carne para ser moído, você sabe que precisa suspender do pensamento qualquer tipo de desconfiança, sabe que é preciso ter fé, confiar nas mãos daquele profissional, devidamente protegidas com luvas, confiar na máquina de moer.

Eis a palavra-chave para o sucesso do mercado: confiança. Mesmo com a tendência de aumentos e quedas nos preços influenciados por uma relação complexa de indicadores, taxas, pronunciamentos presidenciais, investidores, consumo, política econômica, que economistas, psicólogos, neurocientistas, linguistas, historiadores, entre outras áreas e subáreas se dedicam a estudar, você não suportaria enveredar por um caminho tão árduo e muitas vezes tortuoso para dar razões aos motivos que o levam a confiar na máquina de moer do açougue do mercado no qual há anos você e outros milhares de pessoas da sua cidade realizam as compras. Mesmo também com tanta desconfiança nas agências fiscalizadoras em virtude das constantes investigações de corrupção, você e milhares confiam.

É a confiança nas regras implícitas por que você está, esteve, e continuará

estando na fila. Se não houvesse fila, haveria caos, a carne de um ou a carne de outro ou a carne daquele - confusão, gritos, selvageria. A iluminação é determinante para a confiança, principalmente na região do açougue, você percebe uma luz mais branca e intensa do que na região da padaria, por exemplo, tanto que o plástico que embala a carne chega a refletir a luz, o que o obriga a virar um pouco a carne para conseguir analisá-la melhor. A limpeza é também determinante para a confiança, tanto que os funcionários desse setor costumam ter uma pele mais desgastada pelos anos de serviço, pelos anos de contato e de exposição aos mais variados tipos de produtos e equipamentos de limpeza, as empresas contratadas prezam pela qualidade dos serviços.

A música ambiente é um determinante paradoxal, pois deve ser percebida e não percebida simultaneamente, afinal, não estamos em um show da Adriana Calconhoto, ela não precisa ser foco da atenção, assim como o barulho da grade do carrinho em movimento, ou o friccionar do rodo e da vassoura na limpeza do refrigerante vazado e do vômito de uma criança que corria para se esconder dos pais e beber rapidamente o refrigerante. A música ambiente precisa se impor, de um modo bastante sutil, aos mais variados sons, principalmente às conversações, que se transformam num burburinho incômodo quando você for encarar a fila enorme para pagamento.

Mas você deixa, por rápidos instantes, de se atentar ao burburinho e à música, um som líquido e explosivo, constante, sendo produzido pela máquina que recebeu a carne e que, agora, expelle pelos pequenos buracos redondos uma massa avermelhada que será novamente embalada. É muito parecido, sim, *trrschi trrschi*, a saliva sendo empurrada pela língua contra o palato duro, indo em direção aos dentes superiores, costumava fazer isso quando pequeno, ainda persiste atualmente quando quer cuspir com certa precisão e força. Mas você continua fazendo esse exercício bucal sem finalidade, percebendo como o som é a mistura da força da língua sobre a saliva e a pressão numa pequena área interna, continua nisso mesmo depois de ter colocado a carne moída dentro do carrinho. Você busca algo semelhante, mas não sabe o quê. Você sente aquele delicioso cheiro de café e se encaminha para degustar aquele copinho. Não apenas um, mas três. As degustações também dão corpo à confiança.

Mas aqueles copinhos de café não lhe caíram bem, pois você começa a sentir aquela dor específica, é uma dor natural, evidentemente, mas que deixa qualquer um envergonhado. Para sua sorte, o mercado possui banheiro. Você procura alguém que trabalhe no mercado para deixar seu carrinho, afinal você teve muito trabalho para escolher a carne. As dores na sua barriga são terríveis, como se farpas estivessem

perfurando. Há um movimento descendente nessa dor. Você precisa realizar o mais natural dos atos humanos. Não vai dar até chegar em casa.

Trrschi plshu trrschi, o som é algo assim, semelhantemente desigual à carne sendo moída, mas esta carne é por demais podre, escura, mas o processo de expelir - seja a carne moída, seja o arrote, seja o bom-dia, seja o vômito -, apesar da variedade de substâncias, é o mesmo, ousaria dizer que o resultado também se encaminha para um mesmo fim, seu próprio fim. Talvez falar e cagar sejam, por mais distintos, o mesmo processo. Palavras e merdas são o mesmo produto final. Por isso, talvez, a ausência de títulos nas fotografias e quadros, colocados à direita, e textos escritos, à esquerda, mas em toda a exposição odores e sonoridades vagos, paradoxais, não sabemos se é o som de alguém gozando ou cagando ou espirrando, não sabemos se é o odor de comida fresca ou estragada ou a merda após a refeição ou urina ou café. Esqueçam essas explicações e fiquem com a banal história.

(Aplausos e assobios do público)

Agradecemos aos curadores as maravilhosas palavras e ao público a presença! Convidem seus amigos, conhecidos, familiares para visitarem a exposição *Intestino Grosso!*

Ednei

Peri

Às quatro horas da madrugada o estômago avisou: tinha que voltar para casa. Cumprimentou os conhecidos da noite e tentou se explicar. Ednei sabia tudo, exceto inglês. Arranhava o suficiente para o norueguês, o irlandês e o canadense compreenderem. Eles estranharam. A garrafa de Heineken que o irlandês lhe havia oferecido estava cheia. Uma mosca varejeira pousou no gargalo. Ednei espantou e não bebeu nada. Ednei nunca bebia. Não bebia nem falava muito. Só ouvia entendendo pouco. Acenou e chutou uma garrafa na frente da banca de jornal. Ia pra casa. A mulher devia estar acordada assistindo novela no Youtube. Ednei nunca disse nada sobre os passeios noturnos. Na cabeça dela, estava rodando com o táxi na zona sul. No dia seguinte, jogava o dinheiro na mesa. Ela acreditava que Ednei arrancava a grana dos bolsos dos riquinhos. Contava vantagem. Ria com as vizinhas quando traziam produto da Avon pra vender. Ele nem tinha um táxi. O Chevette tubarão mal aguentava o peso dos seus ossos.

Girou a chave. Respirou fundo. Não deixou o cheiro de gasolina escapar. Gostava do cheiro, mas se sentiu enjoado. Culpa da linguiça e da Sprite. Empório era legal, mas meio sujo. Imaginou a linguiça coberta de baratas e não sei mais o quê. Os gases estomacais comprimiram a barriga. Os engulhos brotaram do fundo da garganta. Vomitou na praia. Pelo cheiro da areia era Leblon. Leblon tinha menos travesti do que Copacabana. Era cheia de velho. Ele não tinha nada contra velho. Mas tem gente que espera ficar velha só pra ficar fazendo merda. Igual àquele. Um velho dando mole na ciclovia. Pela cara pensava que estava andando em Berlim. Camisa aberta no peito. Bermuda de casa. Sandália rider estapeando o asfalto. Livros surrados debaixo do braço. Ednei não viu os nomes, mas eram dois. Óculos escuros de polícia civil. Achava que era gente. Boné enterrado na altura da orelha. Andar confiante na direção de um magrelo branco. Velho rico era a espécie mais burra que existia. Pior que criança. Não era opinião pessoal, mas concordava: deveriam proibir velho de

andar sozinho na rua. Se existisse uma República Popular de Ednei essa seria a palavra de ordem.

Seguiu os dois com os olhos. Cortaram a Delfim Moreira. O velho entrou na General Urquiza, e o sujeito branco e magrelo foi atrás. O velho tentou apertar o passo, torcendo para ser coincidência. A calça devia já estar um pouco mijada. O pescoço estava duro. Ednei conhecia bem a sensação. Não conseguia olhar pra trás.

Antes de sumir na esquina o dedo nervoso do cidadão apertou a cintura. Ednei sacou. Aquilo dentro das calças não era sua genitália. Mas e daí, amigo? Não tinha nada a ver com eles. Não ia se meter. Não era segurança. Não era polícia. Não era um cavaleiro branco pra salvar velho rico burro. Se tivesse uma desculpa para ir atrás seria uma só: matar uma curiosidade besta. Ednei insistiu pro outro Ednei sentado no banco de couro ao lado que não era nada demais. Só queria ter certeza.

- Tá bem – falou sozinho.

Os pneus rolaram atravessaram a pista. O carro entrou na viela e encostou no meio fio. Tinham rapado fora. Ednei pôs cabeça pela janela. Sentiu o cheiro desagradável de mijo. Manchas de sangue ilustravam a calçada como jogo

de ligar os pontos. Ednei se concentrou no tercinho pendurado no retrovisor. Tentou lembrar das fisionomias. A fuça do velho estava escondida sob os óculos e boné. Não deu pra reconhecer. Mas distinguiu o rosto branco na luz amarela. A cruz do terço, de repente, sumiu. Ednei deixou as informações rolaem na cabeça como um filme:

Nome de batismo: Abrão Fernandes de Almeida, trinta e cinco anos. Segundo grau completo, IFRJ. Filho de dona Almerinda Fernandes de Almeida, manicure, Estúdio Bella Rio, Estrada da Gávea 258. Pai. Abrão não conhecia, mas Ednei conhecia: Sérgio Lopes Figueira, desempregado. Vivía com a mãe em Juiz de Fora. Abrão não era santo. Tomava remédio controlado com Skol e erva orgânica. Ganhava remédio de programa social. A erva comprava na UNIRIO, Praia Vermelha. Cinco passagens pela polícia. Duas internações no Instituto Philippe Pinel. Quebrou as pernas de um professor de pós-graduação da UFRJ. Sodomizou a esposa do dono da pastelaria chinesa no Grajaú. Empurrou a mãe do dono de uma franquía de açougue na Baía de Guanabara, junto com o neto. Depois passou a lancha por cima. Enforcou um garçom de um hotel de luxo com a própria gravata; se confundiu, achou

que era playboy porque era branco, tinha olhos verdes. Tentou explodir o camarote da Globo no carnaval. Foi liberado pra uma saidinha de ano novo e nunca mais voltou. Laudo: transtorno de personalidade. Achava que era um personagem de ficção policial.

Ednei sabia qual era. A história e o personagem. Sabia que não tinha nome e odiava gente daquele tipo, residentes de Ipanema, Leblon, branco de Polo, gente que andava de meia e chinelo na rua e ainda lia jornal na padaria enquanto a atendente mestiça brigava pros olhos não fecharem. Ednei sacou. O autor da história morava no Leblon.

Se fosse quem estava pensando, valeria a pena ir até lá, mas só pra matar a curiosidade. Queria deixar claro pra si que não tinha nada com aquilo. Não queria se meter. Não era problema dele.

Acelerou.

Raramente ria, mas riu. Os dentes esmagaram o cigarro e a fumaça saiu pelo nariz. Dobrou na General San Martin. Alá, riu. O Corcel roncando feito uma porca degolada. Manteve uns cinquenta metros de distância. Quando Abrão passou com o Corcel em frente ao Bar Veloso, Ednei já imaginava pra

onde queria ir. Um lugar reservado, igual acontecia na história.

O Corcel parou no sinal. Ednei não desacelerou. O Chevette emparelhou com o Corcel. A janela de Ednei estava fechada. Havia tanta fumaça de cigarro que duvidou reconhecerem seu rosto. Mas não dava para ter certeza. Enfiou a mão entre as pernas para sacar a Beretta nove milímetros. Munição comum. Não gostava de sujeira. Sinal verde. Ednei sinalizou à direita e segurou o tercinho pra não balançar na frente dos olhos. Ficou esperando o sinal abrir.

A luz verde limão do semáforo brilhou, mas o outro carro continuou lá, parado.

- O cara era malandro -
murmurou.

O magrelo limpou o suor da testa com as costas da mão que segurava a arma.

- Ele não tá seguindo a gente -
disse.

- Eu falei - o velho concordou -
Não precisa ficar nervoso.

Foi subitamente interrompido pelo movimento ligeiro da arma do rapaz. Paf. Sentiu uma coronhada repentina no pé da orelha. A orelha inchou, mas não sangrou.

- Cala a boca! Você mijou meu banco todo, seu porco.

O magrelo não estava nervoso de verdade. Por dentro ria, se achava engraçado, igual no livro. Um monte de tralha pulou no banco de trás ao passar numa lombada. Barulho de talheres enormes caindo. O velho olhou de canto. O lance rápido da luz do poste. Havia duas lâminas e um objeto grosso, perfurante. Era uma ponteira. Dessas que usam em obra pra quebrar concreto. Lembrava um cravo de Jesus.

Leblon era um borrão no retrovisor. Estavam indo em direção à Barra. A Gruta da Imprensa já longe. Quase Praia do Pepino. Daqui a pouco Joá. Barraca do Pepê, Barraca da Marília, Toca da Traíra, Praia da Reserva, Quiosque do Russo, por último, o inferno. Se tivesse sorte, daria uma passada na Macumba antes do inferno. Os olhos perturbados não deixavam o escuro do mar em paz. “Morre! Morre!” ouvia as ondas no abismo abaixo da rodovia.

O magrelo ligou o rádio.

- O senhor tem alguma preferência?

- Não, obrigado.

- Não tô brincando – tentou ser gentil – Pode falar. Gosta de Ney Mato Grosso?

Abriu um caixa de CD sem tirar o dedo do gatilho da IMBEL prateada. O velho abanou a cabeça.

- Gosto.

- E o cobrador?

- Perdão?

- O Cobrador. Gostava de quê, ele?

- Cobrador?

- É.

Os olhos ardiam. Mas não fechou.

- Ney Mato Grosso. Claro - respondeu.

- Oh, diabo! Eu sabia.

As caixas de som reproduziram um barulho retorcido. Não dava para distinguir voz de instrumentos. Parecia o barulho de uma privada. O rapaz acompanhava a percussão batucando o volante com a arma.

- Sabe os Secos e Molhados?

- Sei.

- A capa é formidável.

- Uhum. Muito colorida.

- Já parou pra pensar? Um monte de cabeça de João Batista com um buffet na mesa. Monte de uva, pudim. Parece uma ceia de Natal! Só gênio pra pensar naquilo. Gênio.

- Sim. Gênio.

- Quando você me viu no Leblon, lembrou dele?

- Perdão?

O sujeito martelou duas vezes a cabeça do velho, agora com a ponta da arma. A primeira partiu a pálpebra em dois pedaços grudentos. O globo ocular quase voou pra fora. A segunda estourou uma veia da têmpora. A cabeça parecia uma embalagem branca com calda de cereja escorrendo na ponta.

- Você é burro pra caramba, hein.

- É sim! – Gemeu – É igual. Igualzinho.

- Sou sim.

Abaixou o volume. Agora dava pra entender um pouco o que estavam cantando. “Tanto faz você chegar

primeiro/O primeiro foi seu ancestral/É melhor você chegar inteiro/Com seu venoso e seu arterial”. Não era Secos e Molhados. Era algum álbum solo do Ney. O magrelo devia ter confundido.

Fungou o muco que escorria e tirou o excesso.

- Sou igual - disse. - Mas não consegui fazer um monte de coisa que ele fez. Não explodi o carnaval. Nem comi patricinha com corpo de bailarina. Entrei num prédio uma vez. Peguei uma coroa de jeito também. Ela e a filha. Fui até melhor! Só que não dou sorte com mulher. Um gringo já me tirou do sério. Usei a chave de fenda. O pescoço dele ficou igual a um hidrante. Fiz de tudo depois. Mas isso é de menos. Qualquer um consegue enfiar chave de fenda, meter uma bala na cara de alguém. É só dar motivo. O negócio do Cobrador era outro. Demorou um pouco, mas comecei entender. Dois anos pra cá, mais ou menos, entendi. Não tinha nada a ver com matar. Sabe o que era?

- Não – gaguejou de imediato.

- Pô. Tu é burro mesmo, hein. Pensa um pouco.

- Visibilidade social?

Abrão arreganhou os dentes.

- Só rindo - disse com gosto. - Não, seu burro. Ele queria você.

- Eu?

- É. Você merece uma coça.

O velho esfregou a aliança de ouro.

- Entendo.

- Vou te explicar. Matar você é a mesma coisa que matar Deus.

- Deus? Não sou Deus, rapaz - insistiu. - Deus é só uma história inventada.

- Sabe de nada - Abrão se ajeitou no banco pra falar melhor. - Todo mundo é um pouco Deus. Por isso nos matamos. Mas só você teve a grande ideia. Você escreveu sobre como nos matamos. Escreveu o mapa da vida. A verdade tá toda lá. O Evangelho do Cobrador. Tu me ensinou como a gente é na realidade. Só que você se esqueceu. É bem besta isso. Então vim te lembrar. Era isso que ele queria. O que você queria.

O magricelo parou de falar e se eriçou. Tinha reflexo de cão. Um farol de milha refletiu no retrovisor. Não dava pra identificar o carro. Preparou a granada entre as virilhas suadas. Se não ultrapassasse logo, pum! A granada arregaçar o corno. Logo o carro chegou

perto. Ford Ka. Mas não desacelerou. Abrão não alterou a respiração. Assistiu o farol traseiro sumir na garganta da noite.

- Acho que tô ficando maluco - riu.

O velho não respondeu. Estava de mãos cruzadas, tremendo.

- O que tá fazendo aí, velho?

Rezava. O peito inclinado para frente, em contração. O cinto de segurança espremia a clavícula.

- Seu mijão, agora vai querer cagar meu carro, é? Tá achando que isso aqui é bagunça?

O velho abriu um olho e bisbilhotou a granada. Ainda estava com pino. Relaxou o corpo. A próstata estalava como uma noz-moscada. O alívio da reza durou dois segundos. Uma onda súbita de luz invadiu o carro como se fossem abduzidos por uma nave espacial. Cobriu o rosto com os pulsos. O vidro estourando deixou o velho surdo. Abrão disparou duas vezes pelo para-brisa antes de o carro se chocar na sua porta vindo pela contramão.

Os veículos giraram para fora da pista igual a dois drogados dançando valsa. O chevette rompeu a cerca

sentido Leblon e o para-lama amorteceu na vegetação. O motor continuou ligado. Meu irmão, um Chevette é um Chevette, teria pensado se a cabeça não girasse sem parar. Carro pra arregaçar a calota em pega. Ednei cuspiu um pedaço de espelho. Fragmentos enterrados no rosto. Rosto igual ao do cara do filme com a cabeça cheia de pregos. Catou a pistola no banco de trás e a perna de três que ia usar para matar a mulher. Comprava sempre na Sufoco Madeiras. Era cliente fiel de lá e tinha desconto bom. Deixou o Chevette queimando combustível. O cheiro de fumaça aliviava a tensão.

O céu estava bonito. As estrelas picavam no negrume. Se tivesse outro cigarro perto acenderia a ponta numa estrela. A cena estava uma bagunça. O corpo do sujeito saltado pela janela como um verme de ferida. Parte da cabeça amassada. Os ombros não iam funcionar mais, coitado. Estavam fatiados como alcatra. Tinha sorte de respirar. E também sorte de encontrar a granada ao lado da cabeça. O velho levantou os dois braços igual a boneco de posto quando viu a granada. Ednei sentiu o cheiro de excremento e entendeu.

- Mas que filha da...

Abrão se esticou, arrastou o braço no meio do vidro. Olhava pra granada como Adão devia ter olhado pra maçã.

Ednei apertou o gatilho. O ferrolho engasgou. Aquela Beretta era uma bela de uma merda. Insistia só por consideração, porque deram de presente. Meteu o dedo no cartucho estacionado como uma língua pra fora da câmara. Um. Dois. Três cartuchos cuspidos. Desperdício. O velho sentiu um peso no meio das pernas mijadas. IMBEL, estava gravada no metal ensebado. Teve que usar três dedos magros para puxar o ferrolho. Malhava. Malhava e escrevia todos os dias. Tomava hormônio pra manter as costas largas. Parecia até o Tropeço da Família Adams. Agora, os músculos tinham que servir pra alguma coisa. Abrão envolveu a granada com os quatro dedos que restaram. A loucura não neutraliza a dor. O rosto encharcado com sangue era um rascunho rasgado da fúria. Mas o dedo emplastado de sangue grosso não atravessava o pino. Apoiou a outra mão para ajustar.

O velho disparou.

Puf! Puf!

Lascas de tinta e plástico voaram na cara de Abrão. Nada de bala na

carne. Ele respirou, mas sem alívio. Segurou com mais força. Mordeu o pino e conseguiu meter o dedo no meio.

Puf!

Outro disparo.

O projétil ponta oca estourou o antebraço de Abrão. Os nervos se espalharam no capô como miçangas vermelhas. A última coisa que Abrão viu foi a sombra da perna de três que Ednei comprou na Washington Luiz assomar sobre sua cabeça, e descer como a ira dos anjos. Mas, infelizmente, Abrão não conseguiu sentir a presença de Deus naquele lugar.

O velho tinha lá pelos seus oitenta. Viu muita coisa no tempo em que viveu no Rio, mas nunca testemunhara tanta força, tanta retração e tanta secura quanto na forma que Ednei manjava o pau. Não havia maldade no rosto. Era a mesma expressão dos afrescos romanos. As imagens que nunca sorriam. Notava algo além da beleza violenta das ruas, e isso o assustava.

Numa tacada só, os ossos cranianos do sujeito já se expunham à brisa da praia. Mais duas pancadas. Mais uma para garantir.

Ednei abriu a porta do motorista. O velho sentiu medo e levantou o cano da IMBEL. Ele ignorou. Precisava limpar a perna de três ou o sangue ia secar.

- Velhos sempre têm lenço. Às vezes dois. Um pra limpar catarro e outro pra enxugar suor.

- Tenho não.

Ednei virou de costas, decepcionado. Ia pro carro. Tinha uns trapos pra limpar óleo lá, mas, antes, lembrou. Ah, sim. Não veio pra matar. Veio perguntar algo importante.

- O senhor me tira uma curiosidade?

Estava um tanto sem jeito.

- Hã?

- É coisa besta. Não precisa responder se não der.

O lábio enrugado tremeu.

- Pode. Pode falar.

- Os livros que estava carregando debaixo do braço lá na praia. Ainda estão com o senhor?

- Acho que sim. Por quê?

- Posso dar uma olhadinha neles?

O velho assentiu como se a pergunta fizesse todo sentido.

- Claro. Os livros. Um momento.

Ainda tonto, sem a mínima noção de distância, o infeliz bateu a testa no porta-luvas, o peito no volante. Pressionou o alerta com o cotovelo e se espremeu contra a buzina.

Ednei pôs a mão no seu ombro.

- Pera aí, camarada. Tem que ir com calma, ou vai se machucar todo assim.

Ednei enfiou o braço no espaço entre o motorista e o banco traseiro.

- Tá aqui. Achei.

O primeiro exemplar era uma edição brochura. Umas duzentas e tantas páginas e um careca de óculos na capa. Enquanto soletrava o nome francês, comparava a careca do autor com a careca do velho.

- É um escritor maravilhoso – comentou. - Tem um texto que todo mundo deveria ler. Loucura e escrita literária.

Ednei até queria saber mais do que se tratava. Loucura era um assunto bem interessante. Mas o velho tinha um jeito meio pé no saco de gente que

desatava igual linha de roupa velha quando começava a falar.

- É. O senhor parece um pouco com ele – cortou.

O velho abriu um sorriso.

- A cabeça é igual – arrematou Ednei.

- Conhece ele?

Ednei folheou para conferir a foto da orelha. Parecia outro personagem da Família Adams. O tio careca.

- Conheço. Um francês pedófilo bem famoso. Aidético. Se converteu ao islamismo. Teve uma vida bem interessante. Mas nunca li nada dele.

Ednei jogou o volume no banco e deu atenção ao outro.

- Esse é bom? - perguntou.

- É. Um livro muito bom de jardinagem. Vou usar pra plantar umas mudinhas lá na Antero de Quental.

Ednei lambeu o polegar e começou a folhear as páginas. Parou na foto de mudas de copo-de-leite. Lindas.

- Queria plantar umas flores no meu canteiro também. É pra minha mulher. Pra ver se ela se interessa por alguma coisa.

- Mas o livro é em inglês. Sabe inglês?

- Uma hora a gente tem que aprender.

Ednei gostou do velho. Era meio pé no saco, mas tinha presença de espírito. Comovia Ednei. Coisa difícil. Aquele olhar penetrante por baixo do boné transmitia virilidade que ele respeitava, como se o velho fosse o centro de algum universo perdido na fossa do tempo. Era um pé no saco, mas não era um cara raso, com certeza.

Ele ia deixar o velho por lá, mas mudou de ideia. Havia muito tempo que não sorria. Demoraria muitos anos até que sorrisse de novo. Então, decidiu levar o velho embora pra casa. Era meio ridícula a forma como o falava, meio ingênua, mas tinha umas histórias muito boas. Histórias de deixar o cabelo em pé.

Jogou a perna de três da Sufoco Madeiras fora. Não deu tempo de limpar. O pau flutuou com os barcos e sumiu no mangue do Fundão. Passou a língua entre os dentes sem olhar no retrovisor. Havia perdido umas lascas. Primeiro a ponta do canino esquerdo. E outro, na raiz. Este já era princípio de tártaro. Pouca coisa. Meteu um cigarro na boca e parou de rir. Já era burro

velho pra se preocupar com dente. Nasceu com trinta e dois para perder mesmo. Um avião passou por cima dele, bem perto. Respirou fundo para sentir a fumaça de querosene desprendendo das turbinas.

Nota do autor

Peri foi um apelido que me deram no meio da adolescência. Um amigo me perguntou se era abreviatura de algo como perigoso ou periculoso. Não, respondi. Na época nós tínhamos que ler *O guarani*, e em algum momento, sem qualquer razão, alguém me deu o apelido. Talvez pela minha cor ou por causa das loucuras do protagonista. Nunca entendi. Na mesma época já arriscava os primeiros contos e poemas, a maioria sob influência de Machado, mas todos incompletos. Aos dezessete, sem estar muito acostumado em ser chamado de Peri, entrei em contato com literatura policial. Patrícia Melo foi a primeira. Fonseca, Elroy, Noll e Ubaldo, esses vieram um pouco depois. O primeiro que li de Patrícia foi *O matador*, que me acertou como um tiro na garganta. Logo me animei: quer dizer que posso escrever assim? Dali em diante, minha escrita se alinharia mais com o estilo urbano de minhas leituras. Ao mesmo tempo, por algum motivo, o

apelido se tornava mais denso, pesado, quase cru. E foi toda essa carga que depusitei no primeiro livro que consegui terminar: “Contos urbanos para demônios dormirem”. Dias e noites. No ônibus, em casa ou de serviço, na base aérea. No Centro, Maré, Brasil, Duque ou na guarita, sentindo fedor de suor e querosene de aeronaves, Perilinha e escrevia, faminto como se fosse um indígena alimentando-se da carne do adversário.

Continuei a escrever do mesmo modo até começar a universidade. Produzia com regularidade com grupo de escrita. Mas, ao longo dos três anos seguintes, o peso se dissipou, e fui deixando o gênero de lado. Pouco a pouco fiquei íntimo de Borges, Mishima, Bloom, Eliot, Cícero e Virgílio, e um bocadinho de gente nova. Também tive a felicidade de reencontrar Machado, Dante e Camões. Por sete anos não me arrisquei a escrever literatura policial. E nos últimos cinco anos, não pus os olhos em uma linha de texto do gênero.

Por fim, não ouvia ninguém me chamar pelo apelido. Isso foi até uma semana atrás. Recebi, na quinta, a notícia da morte de Rubem Fonseca.

Não sei por que, mas a primeira coisa que me ocorreu foi a imagem de Patrícia Melo à beira da cova. Sem flores. Só observando o buraco e as minhocas. Logo recebi uma mensagem de Pedro. Ele propôs uma homenagem ao nosso falecido Rubem. Aceitei, claro. E enquanto escrevia este conto, enquanto encarava o caminho de volta às ruas sujas e violentas do Rio, eu lembrei do apelido. Peri. E entendi o todo do qual as quatro letras faziam parte. Há um contorno de triste ironia por ser em via da morte de Rubem. Mas, finalmente, entendi. Poderia fugisse do Rio, corresse para o interior, me enfiasse num sítio e me escondesse debaixo de uma árvore, nada adiantaria. Eu continuaria sendo eu e minha circunstância. Mesmo que eu insistisse em meter meu velho apelido num canto escuro da memória, haverá sempre um Peri. Um Peri que leu O cobrador e tentava escrever igual a Rubem Fonseca na adolescência.

Jonatas Tosta B.

Rio, 29/04/2020.

Design gráfico
Pedro Sasse

Autores
Jonatas Tosta B.
Gabriel Sant'Anna
Lucas M. Carvalho
S.

Imagem final
Narcis Ciocan

